

em integrantes de uma associação de portadores em um município de Santa Catarina/Brasil. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, cuja amostra foi delimitada por saturação dos dados, representada por oito portadores daquela associação. O instrumento foi um roteiro de entrevista semi-estruturado e os dados foram analisados tendo como base os pressupostos da análise de conteúdo temático da fala dos interlocutores. Os resultados obtidos trouxeram, à compreensão, os fatores da organização do trabalho que favoreceram o desenvolvimento ou o agravamento das LER/DORT, as causas que interferiram na saúde do trabalhador e que resultaram no sofrimento, a história da dor, a dificuldade para a obtenção de um diagnóstico claro e preciso, e as consequências pessoais, sociais e profissionais de ser portador de tais seqüelas.

Palavras-chave: Organizações, Prevenção primária, Trabalhador.

CONSULTA DE PSICOLOGIA AO LONGO DO CICLO DE VIDA NO MASCULINO

Elsa Mourato Antunes (elsamantunes@sapo.pt)

Nos últimos anos verificou-se um aumento da inserção profissional de psicólogos nos Cuidados de Saúde Primários, sendo a Região de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo a que mais emprega psicólogos (Antunes, 2007). Este panorama indica-nos que a intervenção do psicólogo começa a ser reconhecida pelos decisores das políticas de saúde como uma intervenção que pode contribuir para a promoção da saúde ao nível dos diversos programas dos Centros de Saúde. Este poster pretende contribuir para a divulgação da intervenção do psicólogo ao nível da consulta de psicologia e sendo este congresso dedicado à saúde, sexualidade e género, esperamos promover a reflexão sobre a saúde psicológica no masculino.

Objectivos: Caracterizar os utentes do género masculino inscritos na Consulta de Psicologia de Janeiro de 2006 a 31 de Dezembro de 2009. Apresentaremos o número de primeiras consultas no ano e de consultas seguintes, número de inscritos, e os principais motivos de procura de apoio psicológico em todas as faixas etárias do género masculino.

Metodologia: Realização de um estudo descritivo e transversal que tem como fonte de informação os registos psicológicos referentes ao atendimento dos utentes do género masculino.

Conclusão: A CP atende utentes de todas as faixas etárias com diversas problemáticas. Os utentes são referenciados pelos médicos de família. Na intervenção, para além de se recorrer a um conjunto de metodologias usadas em psicologia da saúde, privilegia-se a intervenção sistémica onde se promove o contacto com os médicos de família, outros profissionais e a família do utente. No final do processo redige-se uma breve informação ao médico de família reportando o seguimento e a finalização do caso.

Reflexão: O comportamento do sujeito pode influenciar o aparecimento de alterações de estado de saúde e da própria evolução da doença. Neste contexto, a intervenção psicológica nos serviços de saúde pode contribuir para a melhoria do bem-estar psicológico e qualidade de vida dos utentes e para a obtenção de ganhos em saúde. Por isso, importa reflectir, discutir e divulgar os contributos psicológicos no âmbito da saúde, o que, certamente, contribuirá para clarificar as possibilidades que o psicólogo tem de se inserir neste contexto.

Para responder à crescente exigência de qualidade nos serviços de saúde, a formação aparece como um dos melhores instrumentos de aperfeiçoamento das competências profissionais, uma vez que ela permite adquirir e aprofundar conhecimentos, mudar atitudes e despertar capacidades.

O modelo de formação proposto pelo European Federation of Professional Psychological Associations (EFPPA) (citado por Marks et al., 1995) e pela American Psychological Association (APA) (citado por Sheridan et al., 1998), deverá integrar as duas vertentes fundamentais – profissional e académica – de forma a promover o desenvolvimento de competências para a intervenção e para a investigação-acção.

No entanto, muitos psicólogos consideram-se mal preparados para trabalhar nos serviços de saúde e reconhecem a necessidade de aumentar os seus conhecimentos (Sheridan, 1999). Segundo Carvalho Teixeira (2000), em Portugal a maioria dos psicólogos que exercem a sua actividade nos serviços de saúde não tiveram formação ou treino em psicologia da saúde.

Nesta comunicação divulgaremos alguns resultados obtidos num estudo sobre a intervenção do psicólogo na equipa de saúde escolar, onde investigámos qual a formação que os psicólogos que exercem nos Cuidados de Saúde Primários possuem em Psicologia da Saúde e em Saúde Escolar e se sentem necessidade de formação e em que área.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE E SAÚDE ESCOLAR

Elsa Mourato Antunes (elsamantunes@sapo.pt)

Para responder à crescente exigência de qualidade nos serviços de saúde, a formação aparece como um dos melhores instrumentos de aperfeiçoamento das competências profissionais, uma vez que ela permite adquirir e aprofundar conhecimentos, mudar atitudes e despertar capacidades.

O modelo de formação proposto pelo European Federation of Professional Psychological Associations (EFPPA) (citado por Marks et al., 1995) e pela American Psychological Association (APA) (citado por Sheridan et al., 1998), deverá integrar as duas vertentes fundamentais – profissional e académica – de forma a promover o desenvolvimento de competências para a intervenção e para a investigação-acção.

No entanto, muitos psicólogos consideram-se mal preparados para trabalhar nos serviços de saúde e reconhecem a necessidade de aumentar os seus conhecimentos (Sheridan, 1999). Segundo Carvalho Teixeira (2000), em Portugal a maioria dos psicólogos que exercem a sua actividade nos serviços de saúde não tiveram formação ou treino em psicologia da saúde.

Nesta comunicação divulgaremos alguns resultados obtidos num estudo sobre a intervenção do psicólogo na equipa de saúde escolar, onde investigámos qual a formação que os psicólogos que exercem nos Cuidados de Saúde Primários possuem em Psicologia da Saúde e em Saúde Escolar e se sentem necessidade de formação e em que área.

COMO TRABALHAR AS VARIÁVEIS ORDINAIS COMO SE FOSSEM VARIÁVEIS INTERVALARES

Estela Vilhena¹, J. Pais Ribeiro², & D. Mendonça³

¹IPCA, Barcelos; ²FPCE, Universidade do Porto / Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde, ISPA – Instituto Universitário; ³ICBAS, Universidade do Porto

Apoiado pela bolsa SFRH/PROTEC/49284/2008

A psicologia tem uma longa tradição de utilizar a estatística no tratamento dos dados que produz. Usualmente, as medidas que resultam da aplicação de diversos testes psicológicos são de natureza ordinal e muitas vezes estas, ‘bem ou não(?)’, são analisadas como intervalares. Esta é uma questão que tem trazido muita controvérsia. Se por um lado, alguns autores questionam a validade de assumir que as variáveis ordinais são intervalares, outros há, e defendem, que é aceitável aplicar técnicas paramétricas a dados não paramétricos, bastando para tal, que a distribuição da variável seja a correcta. O objectivo do estudo é analisar e discutir de que forma se pode lidar e corrigir a distribuição dos dados provenientes de variáveis ordinais, de modo a poder lidar com técnicas paramétricas, sem que sejam violados os pressupostos de aplicabilidade das mesmas. Um deles, que as variáveis sejam normalmente distribuídas, ‘raro’ na psicologia, quer por razões habituais (tais como, erro de introdução de dados ou *outliers*), quer pela natureza da própria variável, muitas vezes corrigido transformando os dados. A escolha da ‘melhor’ transformação não é óbvia. É apenas recomendável se existir uma razão clara para tal. Estas transformações podem mudar a natureza dos dados e dificultar a sua interpretação. É aconselhável uma análise prévia dos dados. Existem autores que mencionam que os métodos não-paramétricos, livres deste pressuposto, também beneficiam com este tipo de variáveis.

Palavras-chave: Comunidade, Desenvolvimento de instrumentos de avaliação, Doentes crónicos.